

## A SITUAÇÃO BRASILEIRA

Gen AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Revendo nosso arquivo encontramos algumas notas referentes à palestra pronunciada por um grande homem de negócios, de S. Paulo. O fato ocorreu em 1955, ou seja, há oito anos passados, mas acreditamos interessante as palavras de nosso amigo, no quadro atual em que vivemos. Dizia êle:

“Ortega y Gasset, em Rebelião das Massas, classificou de maneira admirável o demagogo. No demagogo êle viu dois tipos: o inconsciente e o consciente. O inconsciente não oferece perigo; inconseqüente nos seus atos, apenas nos aborrece. O demagogo consciente, porém, é coerente nos seus objetivos e nada constrói, a não ser a sua própria demagogia, que o embriaga e cega.

Que verdade atual para o Brasil!

O objetivo máximo do marxismo era o de antecipar a luta de classe que êle considerava como uma determinante histórica.

A demagogia consciente serve a êsse objetivo, embora não exista aquela fatalidade.

Jornais; rádios; revistas; homens de tôdas as classes; e até chefes políticos; investem contra a autoridade, numa selvajeria de destruição, de perda de prestígio, de desmoralização e achincalhamento.

Na socapa, usufrui do trabalho destruidor dessa demagogia consciente, o partido comunista.

São os inocentes úteis. Preparam e fomentam a revolução social para que outros dela se apoderem.

A agitação, que tais processos traz não é apenas cidadina. Ela já mina o campo e invade a nação tôda.

Mas, se muita vez, nos é possível ver o fundo e a origem de certas atitudes, na maioria das vêzes, os fomentadores estão ocultos. Outras vêzes, nem sequer são êles próprios os fomentadores. É a demagogia que, para sobreviver, inicia o movimento.

Há, ainda, um outro sistema. O dos demagogos antagonistas que, na aparência de suas divergências, caminham paralelos.

Em todos os casos, porém, o objetivo é único: a destruição, a qualquer preço, da autoridade. É a linha justa: na impossibilidade material de tomar o governo por armas, façamos pela desmoralização.

É inconcebível que vários homens de projeção e responsabilidades políticas, venham se prestando a um jôgo dessa espécie.

Conscientes, ou inconscientes, estão servindo aos outros.

O choque de paixões demagógicas, num povo que ainda não tem uma infra-estrutura política e intelectual sólida, é o melhor caldo de cultura, para a guerra civil.

### CONCLUSÃO

Movimentos de esquerda-comunista, dentro da chamada linha justa, procura de fora para dentro a desmoralização da autoridade constituída. A êles se reúnem, propositadamente ou não, homens públicos brasileiros que, também, demagógicamente investem de maneira destrutiva contra a autoridade.

A fusão das duas tendências de desmoralização da autoridade — a tendência endrógena na desarmonia da própria autoridade-e a exógena que surge da demagogia — constituem força bastante para uma transformação perniciososa e imprevisível que cumpre evitar.

Há, pois, agora, no Brasil, como nunca houve tão fortemente antes, a necessidade de repetir aquêles princípios banal: o apoio e o prestígio da autoridade constituída.

Não é difícil esclarecer o nosso pensamento. Quando se desenvolve, como entre nós, um surto inflacionário, com efeitos cumulativos, que ameaça tomar um rumo de enfermidade galopante, êste surto, independente dos efeitos econômicos que produz, mina a estrutura moral do povo e o coloca, sem linhas de defesa, como prêsã fácil ao primeiro aventureirismo.

Bresciani Turrone, grande professor de economia de Milão, ao estudar, num magnífico livro, a inflação alemã de 1923, demonstra exuberantemente, que a inflação corrompe mais, e de maneira mais prolongada um povo, que a própria fome.

Quando a crítica, mesmo construtiva; a vigilância partidária, mesmo a mais elevada, produzem no povo a sensação de que o Governo não merece confiança; que é uma inutilidade substituí-lo, mesmo por aquêles que o vigiam e criticam construtivamente, aí então é preciso ter a suprema coragem de apoiá-lo como instituição. Repete-se o velho pensamento de Voltaire:

“Eu não concordo com uma só palavra do que dizeis. Darei, porém, a vida para que possas ter o direito de dizê-las”.

Aqui bastaria, talvez, acrescentar de maneira mais enfática que, em política econômica, não há hoje, nem mistérios, nem descobertas pioneiras a serem feitas. O que mais vem dificultando o país não são os sistemas tais ou quais e sim uma violenta crise de confiança.

No momento em que nós brasileiros olharmos o Governo — não como Governo de determinadas pessoas, que começa no dia tal e termina no ano tal — mas, como instituição permanente, com rumos em matéria econômica — que independam de situações políticas, teremos debelada a crise de confiança que hoje merma as nossas atividades e iniciativas.